

Conferência no ISOSP
(9 de Novembro de 2011)

Introdução às Conclusões

Durante mais de 50 anos as gerações europeias acostumaram-se a viver num ambiente de tranquilidade e estabilidade e deram por adquirido um bem essencial que tem por base um clima de:

- Paz e Segurança
- Bem-estar social
- Progresso e Prosperidade

Deste clima de tranquilidade assegurada e da ausência de conflitos armados violentos ou de grande intensidade na Europa, resultou uma cultura europeia de laxismo da sociedade civil em geral e dos jovens em particular, para os aspectos da segurança e defesa, funções essenciais do Estado para o progresso e desenvolvimento, que foram dadas por adquirido.

Mas entretanto o Mundo mudou muito e tornou-se mais instável, imprevisível e inseguro. Mas mudou em quê?

Nos anos 90 do século passado assistimos à queda do Muro de Berlim, ao desaparecimento do Pacto de Varsóvia e à implosão da União Soviética, tendo passado a prevalecer inicialmente um mundo unipolar, com base na super-potência dos EUA, alicerçada em valores e princípios semelhantes aos dos europeus.

A crise nos Balcãs demonstrou a incapacidade da Europa para actuar política e militarmente na sua periferia estratégica e despertou as consciências dos políticos europeus, mas não galvanizou suficientemente a vontade da sociedade civil, para a falta de segurança potencial na Europa, que viveu demasiado tempo e continua a viver à “sombra” do garante da defesa colectiva proporcionada pela NATO.

Com o aparecimento das chamadas potências emergentes (BRIC) o mundo unipolar tem vindo a transformar-se progressivamente num mundo multipolar, aumentando assim o grau de imprevisibilidade no que respeita à segurança internacional.

No início do presente século, os atentados do 11 de Setembro de 2001, deram origem ao ressurgimento sistemático e mais organizado do fenómeno do terrorismo fundamentalista, acrescentando novo grau de imprevisibilidade e complexidade à já conturbada segurança internacional.

Relativamente aos factores geopolíticos e geoestratégicos, assistimos à paulatina e progressiva mudança da balança de poder para a Ásia e à alteração do interesse geopolítico dos EUA pela Europa, centrando agora a sua atenção estratégica mais no Pacífico, no Índico e no Médio-Oriente. O recente conflito na Líbia e o processo político que conduziu à intervenção da NATO neste conflito, liderada por determinados países europeus, constitui um exemplo paradigmático dessa mudança de interesse estratégico

dos EUA em relação à segurança da Europa. Este factor merece reflexão e ponderação político-estratégica, sendo suficientemente preocupante para despertar os decisores políticos e mobilizar e reorientar vontades e acções da cidadania europeia para a debilidade da sua segurança.

No que respeita às ameaças, estas tornaram-se mais globais, difusas, imprevisíveis e complexas. Na improbabilidade de agressões armadas violentas na Europa, os conflitos mais prováveis tornaram-se de baixa intensidade e assimétricos em que os diversos actores, muita vezes não estatais, têm acesso fácil às tecnologias emergentes, incluindo eventualmente a utilização de armas de destruição maciça. Os riscos destas ameaças aumentaram assim exponencialmente, com reflexos negativos evidentes para a nossa segurança.

Aumentou bastante a instabilidade na vizinhança estratégica da Europa, tanto nos Balcãs como no Norte de África com a imprevisibilidade da chamada primavera árabe e o surgimento do papel importante das populações e da sociedade civil na gestão da sua segurança e defesa.

Com este enquadramento podemos dizer que a nossa segurança está hoje mais ameaçada. As gerações actuais têm hoje razões acrescidas para estarem mais preocupadas com a sua segurança, bem-estar, progresso e prosperidade e para serem interventoras no processo de gestão da mesma.

A crise financeira actual, que se faz sentir sobretudo na zona Euro, com impacto significativo na redução dos orçamentos de defesa, pode contribuir para que a crise financeira se transforme numa crise de segurança na Europa, com o desmornar de algumas franjas do Sul da Europa. Corre-se assim de se agravar ainda mais a capacidade da Europa de continuar a ser um actor global provedor de segurança internacional e a sua aptidão para responder com eficácia às novas ameaças na sua própria periferia estratégica.

Esta é a principal razão desta Conferência, ao promover junto de jovens universitários o debate da problemática da segurança e defesa europeia nos dias de hoje e o papel que cabe aos jovens e á sociedade civil na mobilização de vontades e de acções para a preservação da sua segurança. Sem segurança não há tranquilidade, progresso, prosperidade e bem-estar social.

Com este intróito vamos agora ter o prazer de ouvir as principais conclusões da Conferência, apresentadas pelos mestrados em estratégia deste ISCSP, José Miguel Pires e Tiago Martins, a quem em nome dos organizadores apresento os meus agradecimentos.

Lisboa, 9 de Novembro de 2011
Major-General Augusto de Melo Correia
Vice-Presidente do EuroDefense-Portugal